

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL (UAB)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES
VISUAIS

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA

**TRANScendendo a arte: trocas subjetivas entre vida e obra de Laerte
Coutinho**

JUIZ DE FORA - MG

2019

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA

**TRANScendendo a arte: trocas subjetivas entre vida e obra de Laerte
Coutinho**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Federal de Juiz de Fora - Faculdade de Educação em parceria com a Universidade Aberta do Brasil como requisito obrigatório para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

JUIZ DE FORA - MG

2019

TRANScendendo a arte: trocas subjetivas entre vida e obra de Laerte Coutinho

TRANScending art: subjective exchanges between life and work of Laerte Coutinho

Fabiano Eloy Atílio Batista¹

Maria Cláudia Bonadio (orientadora)²

Resumo: Este artigo tem como objetivo incitar a reflexão e discussão sobre as questões relativas às temáticas de gênero e sexualidade, tendo como objeto de análise as tirinhas da cartunista brasileira Laerte Coutinho, mas especificamente as que dizem respeito ao personagem Hugo/Muriel. Foi proposto, ao longo do artigo, uma problematização e discussão sobre as características habitualmente utilizadas para associar questões relativas a masculinidades e às feminilidades, buscando compreender sobre os modos não normativos de viver e vivenciar os gêneros. Procuramos assim, compreender, em certa medida, como Laerte e sua personagem Hugo/Muriel se constituem enquanto sujeitos na sua transição entre o socialmente instituído como masculino para o também instituído socialmente como feminino. Em termos metodológicos, o artigo assumiu um delineamento qualitativo, do tipo descritivo. A coleta dos dados se deu mediante o método documental, se caracterizando nesta pesquisa enquanto 07 tirinhas produzidas pela cartunista entre os anos de 2009 a 2014 publicadas em seu blog Muriel Total, bem como entrevistas cedidas pela mesma em sites, revistas e outros meios midiáticos. A seleção das tirinhas se deu, dentre diversos fatores, por versarem sobre as temáticas de gênero e sexualidade a qual propusemos analisar. As análises das tirinhas se deram através de uma inspiração na perspectiva da análise de conteúdo, que nos permitiu inferir conhecimentos relativos à produção e recepção das mensagens expostas nas imagens. Verificou-se enquanto resultados principais que as tirinhas de Laerte Coutinho se configuram como elementos desestabilizadores no que tangem as formas normativas de se vivenciar os gêneros, abrindo um forte diálogo para as discussões sobre questões relativas ao binarismo, sexualidade, sexo, modos de se vestir, dentre outras práticas socialmente instituída em sociedade.

Palavras Chaves: Artes Visuais. Gênero. Sexualidade. Laerte Coutinho.

Abstract: This article aims to stimulate the reflection and discussion on issues related to gender and sexuality, with the purpose of analyzing the comic strips by Brazilian cartoonist Laerte Coutinho, but specifically those related to the Hugo / Muriel character. Throughout the article, it was proposed a problematization and discussion about the characteristics commonly used to associate issues related to masculinities and femininities, trying to understand about non

¹ Mestre em Economia Doméstica (UFV). Docente do curso de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais (UAB/MEC – UFJF).

² Doutora em História (UNICAMP). Professora do curso de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais (UAB/MEC – UFJF).

normative ways of living and experiencing the genres. We try to understand, to a certain extent, how Laerte and her character Hugo / Muriel are constituted as subjects in their transition between the socially established as masculine for the also socially established as feminine. In methodological terms, the article assumed a qualitative delineation, of the descriptive type. The data collection was done using the documentary method, being characterized in this research as 07 comic strips produced by the cartoonist between the years of 2009 to 2014 published in her blog Muriel Total, as well as interviews provided by her on websites, magazines and other media. The selection of the strips was given, among several factors, because they dealt with the themes of gender and sexuality, which we proposed to analyze. The analyzes of the comics were based on an inspiration from the perspective of content analysis, which allowed us to infer knowledge about the production and reception of the messages exposed in the images. It was verified as main results that the strips of Laerte Coutinho are configured as destabilizing elements in what touches the normative forms of experiencing the genres, opening a strong dialogue for the discussions on questions related to binarism, sexuality, sex, ways of dressing , among other practices socially instituted in society.

Keys Word: Visual arts. Genre. Sexuality. Laerte Coutinho

INTRODUÇÃO

Figura 01 – Às vezes ...



Fonte: <http://murieltotal.zip.net>

Inicialmente, afirmo que o que me interessa são as “minorias”, compreendidas aqui como grupos que, em certa medida, se encontram vulneráveis e sofrem diversos tipos de discriminação (física, simbólica ou institucional) e são vítimas de intolerância (SÉGUIN, 2002). Ou melhor, o que me interessa são os corpos dessas “minorias” que, em sua grande maioria, estão fadados a imposições de “padrões” que legitimam uns corpos em detrimento a outros, que apontam seus lugares e papéis em sociedade. São corpos “estigmatizados” (GOFFMAN, 1978), privados dos mais variados espaços e contextos simplesmente por existirem.

Contudo, nessa pesquisa me interessa ainda mais os corpos que “fogem das regras”, mas especificadamente os corpos *Trans*, os quais são entendidos aqui como possibilidades de produções de autonomia sobre os corpos diante da palavra (trans)sexualidade. Pensamos na utilização deste termo, a partir de estudos, tais como, Butler (2004), Benedetti (2005), Bento (2012), Franco (2009; 2014), que compreendem, em linhas gerais, que o termo garante uma possibilidade de outras maneiras de subjetivações, que se referem aos esforços de deslocamentos desses sujeitos, das possibilidades de produção desses sujeitos, desses corpos, de seus afetos e prazeres em sociedade.

Compreendemos ainda que, tais sujeitos “se aventuram em produzir desvios [...] parecem poder arcar com a ruptura das formas estáveis” (PRECIOSA, 2010, p. 39), contribuindo para pensarmos “[...] quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? (CALVINO, 2011, p. 138)”, onde “cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis” (*idem*).

Nesse sentido, ao refletir sobre as construções das tirinhas da cartunista brasileira Laerte Coutinho, mas especificadamente as da personagem Hugo/Muriel as mesmas se tornam um terreno fértil para o diálogo e discussão inerentes as temáticas de gênero e sexualidade no campo das artes, por conseguinte em sociedade. Permitindo-nos apreciar não só “meros personagens”, mas, sobretudo, a (re)construção de uma vida que se intercambia com os processos de produção da artista.

Assim, buscaremos nesse artigo, mesmo que suscintamente, a oportunidade de apreciar as subjetividades encontradas no fundo do armário, já escancarado, da cartunista brasileira Laerte Coutinho, presentes na construção das tiras de seu personagem Hugo/Muriel, buscando problematizar as discussões de gênero e sexualidade presentes nas mesmas e como estas refletem valores de nossa sociedade.

RABISCANDO CAMINHOS

O presente artigo trata-se de uma análise discursiva e imagética das tirinhas produzidas pela cartunista brasileira Laerte Coutinho, e possui o objetivo de atentar-se

para as subjetividades presentes nas imagens e nos discursos presentes nas construções de seu personagem Hugo/Muriel.

As tirinhas utilizadas ao longo desse artigo foram produzidas pela cartunista brasileira Laerte Coutinho entre os anos de 2009 e 2014 e postadas em seu blog denominado: *Muriel Total*, que consiste em um site de Laerte Coutinho no qual são publicadas tirinhas da personagem Hugo/Muriel. O site é hospedado em uma plataforma da empresa brasileira UOL, do Grupo Folha de S. Paulo. O uso desses textos multimodais é usado aqui para enriquecer a discussão proposta, além de trazer a “voz/perspectiva” da própria autora de um modo mais artístico e livre.

Ressaltamos ainda que, inicialmente tais tirinhas foram veiculadas na Folha de S. Paulo, tanto em sua versão impressa como virtual, atingindo, por conseguinte, um grande público de leitores. Atualmente, como já mencionado as tirinhas produzidas se encontram disponíveis somente no blog supracitado, sendo disponível no site somente tirinhas produzidas entre 01/03/2009 a 19/07/2014.

A escolha das tirinhas, trabalhadas neste artigo, se deu, dentre diversos fatores, por versarem sobre as temáticas a respeito dos direitos e das dificuldades enfrentadas pelas pessoas *Trans* em sociedade e sobre as discussões inerentes as temáticas de gênero e sexualidade.

Para a análise dos dados será utilizado uma inspiração no método de Análise de Conteúdo desenvolvido por Bardin (1977, p.42) que se caracteriza como "um conjunto de técnicas de análise das comunicações [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens". Assim, buscaremos compreender os elementos constitutivos presentes nas tirinhas selecionadas.

ALGUNS ESBOÇOS SOBRE CORPO, GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE

Figura 02 – “A dúvida de sempre...”



Fonte: <http://murieltotal.zip.net>

Comumente, se acredita que os sujeitos que nasceram com o genital masculino (pênis) são necessariamente homens, ao passo que, os que nascem com o genital feminino (vagina) são mulheres. Está é uma visão binária, correlacionado com a dicotomia homem e mulher, a qual o sexo de origem (biológico) corresponde à identidade de gênero que deva ser assumida (social). Nessa lógica,

[...] determinado sexo (entendido, neste caso, em termos de características biológicas) indica determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica o desejo ou induz a ele. Essa sequência supõe e institui uma coerência e uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade. Ela supõe e institui uma consequência, ela afirma e repete uma norma, apostando numa lógica binária pela qual o corpo, identificado como macho ou como fêmea, determina o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente, o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto). (LOURO, 2008, p. 80).

Contudo, os sujeitos podem nascer com o genital masculino e se identificar com o gênero feminino e vice-versa (ou até mesmo não se identificar com nenhum deles), pois,

O fato de um indivíduo se sentir homem ou mulher (sua identidade de gênero) não tem, necessariamente, relação com seu sexo biológico (identidade sexual); nem tampouco com sua orientação sexual (que pode ser heterossexual, homossexual, bissexual). Contudo, no Ocidente, o conceito de gênero está colado ao de sexualidade/reprodução, o que promove uma imensa dificuldade de separar, segundo o senso comum, a problemática da identidade de gênero da de orientação sexual. (LIMA, 2011, p. 169).

Segundo Molinier e Welzer-Lang (2009), o homem é ensinado/educado desde a infância a ser dominador e viril, pois “a virilidade é a expressão coletiva e individualizada da dominação masculina” (p.102). Por conseguinte, os homens que não se adequam às atitudes viris e, se apresente com características que se aproximem do gênero feminino, sofre discriminação. Esta separação entre o feminino e o masculino é sociocultural e caracterizada como “uma forma de controle social que se exerce sobre todos os homens, desde os primeiros passos da educação masculina” (MOLINIER e WELZER-LANG, 2009, p. 102). Essa dominação também ocorre com o gênero feminino, pautado na docilidade, cuidados com lar, família e afins. De acordo com Dagmar Meyer (2011, p.95), “Vivemos nossas vidas e não nos apercebemos de como este cotidiano está pautado, regulado e normatizado por compreensões generificadas,

apreendidas na cultura e assumidas como certas e verdadeiras”. Ou, na visão de Butler (2015, p.69), gênero refere-se a uma “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”.

Segundo as análises realizadas por Mauss (1974) e Le Breton (2009), o corpo deve ser analisado e problematizado mediante a cultura a qual está inserido, sendo ele fruto de *continuum* sócio histórico específico. Para Mauss (1974), todas as ações realizadas pelos seres humanos é fruto de distintas maneiras de sociabilidade e não se constitui restritamente de noções biológicas, mas sim, de uma educação social. Partindo das mesmas concepções, Le Breton (2009), apregoa que devemos compreender o corpo para além de um aglomerado de órgãos disposto segundo as ciências biológicas. Mas, sobretudo, como um símbolo capaz de unir e diferenciar as mais distintas formas culturais. Enfatizando ainda que, o corpo é mutável, variável de cultura para cultura e reflete valores e tradições específicas de determinada sociedade.

Assim, cabe se ressaltar a celebre frase de Beauvoir (1980), em seu livro intitulado ‘O Segundo Sexo’, “*Não se nasce mulher, torna-se mulher*”. Nessa lógica, não se nasce homem, torna-se. Ao analisamos a frase, podemos traçar relações com os pensamentos de Mauss (1974) e Le Breton (2009), pois os indivíduos são frutos de uma educação sociocultural, onde valores, regras, normas e tradições são transmitidos, assimiladas e crivados como verdades, pois não nascemos predestinados a sermos isso ou aquilo, mas somos conduzidos mediante as estimas estabelecidas por nossa cultura.

Aos que não se enquadram nesses valores impostos e crivados pela nossa cultura, estão dispostos (mesmo que contra sua vontade) a sofrerem uma série de estigmas (GOFFMAN, 1978), que são oriundos de um processo social que se considera um padrão de normalidade e excluiu todos que não se enquadram nesse padrão, tornando-os anormal. Esse estigma, muitas das vezes, se encontra nas relações entre uma característica indesejável é o possível estereótipo desejado.

Nesse sentido, como foco de abordagem deste estudo, nos interessa compreender as relações sócias das pessoas *Trans*, que é um grupo fortemente estigmatizado em nossa sociedade e que sofrem discriminação, agressão, assédio, dentre outras formas de violências físicas, simbólica e institucional.

Suscintamente, podemos compreender que as pessoas *Trans* se referem às relações e as experiências de sujeitos que ao nascimento foram designadas como do sexo masculino ou feminino, entretanto, não se reconhecem como pertencentes a esse

gênero. Ao contrário, se compreendem, se identificam e se nomeiam como do gênero oposto ao designado ao nascimento, ainda que para alguns desses sujeitos, *a priori*, seja apenas uma nomeação subjetiva e muita das vezes não compartilhada em suas relações sociais; decisão essa tomada, muita das vezes, em decorrência da transfobia e da possível exclusão de contextos privados e públicos em sociedade. Conforme enfatiza Amara Rodovalho (2016),

Daí também não importar coisa alguma a travesti [Pessoa Trans] se autodeclarar homem ou mulher ou nenhum dos dois, pois ela estará sujeita às mesmíssimas exclusões sociais em qualquer dos casos (o corpo, nosso corpo, diz por nós tudo o que a sociedade julga necessário saber sobre nós antes mesmo que possamos abrir a boca; à travesti, aliás, nunca será permitido outra coisa senão ser esse corpo, por mais capacitada e inteligente que seja) (RODOVALHO, 2016, p. 25).

As pessoas *Trans* são atores sociais geralmente incompreendidos, pois sua situação vai muito além do discurso biológico. Sentir-se, pertencer e, principalmente, ser aceito como pertencente a aquele gênero vem sendo um embate no quesito jurídico-social. A pessoa nasce com cromossomos, genitais e hormônios de um sexo, entretanto tem a mais absoluta convicção de pertencer ao gênero oposto. Essa incompreensão generalizada e toda a discriminação que lhe são peculiares se mostram extremamente difíceis no convívio amplo da vida em sociedade.

Então, observar as obras de Laerte, e em especial as tirinhas Hugo/Muriel é como poder escutar, mesmo que tão distante, o artista surrando ao pé do ouvido, confidenciando seus fantasmas, suas dores e suas angústias. Os trabalhos de Laerte são, ou tornam-se, sua autobiografia diária. É poder fazer parte de sua intimidade. É observar “o dentro e o fora de cada figura da subjetividade (ROLNIK, S, s/d, p.02)” que ela cria e recria, traçando sua existência.

Porém, antes de mergulharmos no mágico universo das tirinhas, torna-se imprescindível a apresentação de quem as concebe, sobretudo pela linha tênue entre a arte e a vida de quem as cria, pois “[...] O que há de interessante, mesmo numa pessoa, são as linhas que a compõe, ou que ela compõe, que ela toma emprestado, que ela cria (DELEUZE, 1992/2008, p. 47)”.

“LAERTE-SE”³: CONHECENDO UM POUCO DA VIDA DA ARTISTA⁴

Nascida em São Paulo, no dia 10 de junho de 1951, considerada a época menino pelo simples fato da existência do pênis, Laerte Coutinho é considerada um dos expoentes na história em quadrinhos/tirinhas/tiras no Brasil. Estudou na Universidade de São Paulo (1969), onde se formou na Escola de Comunicação Cultural, posteriormente, também se forma em Comunicação em Arte pela mesma instituição. Iniciou suas criações ainda no ambiente universitário. Na década de 1970 é contratada pela Gazeta Mercantil e o jornal a Folha de S. Paulo, onde desenvolveu diversos trabalhos de cunho militante nas esferas política e social (CAVALCANTE, 2014).

Laerte se casou três vezes. Teve três filhos (Rafael Coutinho, Laila Coutinho, Diogo Coutinho, sendo este último já falecido) e viveu boa parte de sua vida sobre o prisma da heteronormatividade, embora Laerte seja categórica em diversas entrevistas que sempre sentiu atração por homens.

Dentre suas principais obras desenvolvidas ao longo de décadas podemos citar: “Condomínio”, que tem como personagens o zelador e o síndico de um edifício (baseado nas relações sociais em seu prédio que morava); “Overman”, que era um super-herói meio atrapalhado, sendo um dos primeiros personagens de Laerte a possuir traços e interesses para a temática de gênero; “O Gato e a Gata”, aos quais os denomina como Ele e Ela, que se constituem de dois felinos que travam discussões sobre questões conjugais; “Os Piratas do Tietê” que é uma de suas mais conhecidas produções, com início em 1983. Ainda, podemos destacar os personagens “Deus”, que rendeu a produção de alguns almanaques e tinha como discussão um céu alternativo, além de seus trabalhos dos “Los Três Amigos”⁵.

Contudo, neste artigo nos interessa as tirinhas de seu personagem “Hugo Baracchini”, que é uma visão cômica sobre o homem da modernidade e seus problemas cotidianos. Personagem esse que, posteriormente, se transformaria na *crossdresser* Muriel, que brinca com os padrões de gênero e sexualidade instituídos em nossa sociedade. Nas tirinhas em que aparece a personagem Hugo/Muriel são narradas o dia a

³ O nome “Laerte-se” que inicia o nome deste tópico faz referência ao documentário produzido pela Netflix (2017) que conta um pouco sobre a vida e trajetória da cartunista brasileira Laerte Coutinho.

⁴ Utilizaremos nesse artigo o tratamento nos pronomes instituído linguisticamente como femininos, em respeito à identidade de gênero da artista, mesmo quando nos referimos a sua trajetória antes de sua transição.

⁵ Para maiores informações sobre a biografia e produção da artista acessar o site: <http://www2.uol.com.br/laerte/info/biografia-top.html>. Acessado em: 14/04/2019.

dia da população Trans no Brasil, sendo realizada uma forte crítica aos padrões binários dos gêneros.

Nesse sentido, após sua consolidação enquanto cartunista, Laerte introduz em suas tiras sua visão de mundo, ou melhor, seu mundo, de maneira que, quando assume sua identidade de gênero (feminina), transporta tais mudanças a seu, já consolidado, personagem Hugo, conforme supracitado.

Hugo aos poucos se torna a extensão da própria Laerte, não mais enquanto um personagem, mas como sua “linha de fuga” (DELEUZE, 1992/2008) para encarar o mundo a sua volta e expor seus sentimentos, suas conquistas e sua militância.

Laerte buscou gerar outras possibilidades de existência, reinventando a si mesma, e o mundo a sua volta.

As primeiras insatisfações surgiram em 2001 ou 2002, no vácuo de uma tempestade maior que causara o fim do meu terceiro e último casamento. Pouco depois, em 2004, o incômodo cresceu e resolvi abdicar de vários elementos que marcavam minha trajetória. Abandonei personagens famosos, como o Overman, os Gatos e os Piratas do Tietê, certo tipo de humor, menos sutil, e a preocupação com a linearidade das histórias. Iniciei, ali, uma fase mais “filosófica”, que muitos intitulam de nonsense e que ainda me caracteriza (COUTINHO, 2010a).

Sob a justificativa de estar sendo perseguido por uma máfia, Laerte transveste pela primeira vez seu personagem, como forma de fugir de tal perseguição. O ano era 2004, a época a cartunista estava no auge de sua carreira, com cinquenta e três anos, ainda com a identidade masculina. Hugo aparece passando batom, depilando suas pernas, colocando a peruca e se montando, como podemos verificar na tirinha que inicia a introdução deste artigo. Está charge torna-se significativa, pois após a publicação da mesma, a arquiteta e leitora Maria Paula Manfitane, que passou pelo mesmo processo de readequação de gênero, entrou em contato com Laerte e o questionou sobre esses novos comportamentos e experiências do personagem Hugo, perguntando-o se não seria demanda da própria autora⁶.

Desde as transformações pessoais na vida de Laerte, suas tirinhas esboçam novos contornos, novas linhas, novas cores. O que abriu espaço para a aparição de Muriel.

⁶ “O fato de imitar o visual das mulheres certamente denunciava algo sobre mim - sobre ambições que eu me negava a explorar às claras. Foi quando recebi o e-mail de uma arquiteta, fã do Hugo. Quer dizer: de um arquiteto que abraçou a identidade feminina” (COUTINHO, Laerte. Revista Bravo, em 2010).

Laerte se utiliza de diversos discursos para a construção da identidade da personagem, Muriel se materializa não apenas sob um caráter estético e corporal, mas sob um caráter ideológico, acompanhando as mudanças que a autora perpassa em sua vida, momento este que assume sua identidade de gênero feminina, mais publicamente a partir do ano de 2009.

É uma descoberta nova, uma predileção que se insinua há séculos, mas que se manifestou com todas as letras apenas em 2009. Cinco anos antes, um dos meus personagens, o Hugo, decidiu ‘se montar’. Não sei exatamente por quê. Só sei que, de uma hora para outra, arranhou vestido, batom, salto alto e se jogou no mundo. Desde que nasceu, o Hugo se porta como um alter ego do Laerte. Ele costuma assumir nos quadrinhos grilos e desejos que se confundem com os meus. O fato de imitar o visual das mulheres certamente denunciava algo sobre mim – sobre ambições que eu me negava a explorar às claras (COUTINHO, 2010a).

Através da personagem Laerte fala, coloca suas opiniões, seus medos, sua militância, mas, sobretudo, discute verdades e tabus enraizados em nossa sociedade.

Permite-nos pensar nas múltiplas possibilidades sobre o universo trans, sobre os desejos interiorizados dos sujeitos. A atenção dada pela cartunista a essa temática, por meio de suas tirinhas, torna-se de extrema importância, a fim de indagar realidades e minimizar injustiças. Os questionamentos concebidos e vinculados pela mídia impressa são, em certa medida, um movimento educativo e conscientizado, já que fazem refletir, por vezes, sobre tabus e a sociedade atual.

VESTIR-SE DE SI: IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NAS TIRINHAS DE HUGO/MURIEL

Das diversas obras de Laerte Coutinho, selecionamos alguns para serem analisados neste artigo. Nosso intuito é analisar e compreender como os discursos presentes na construção dessas tirinhas, cuja materialidade é composta por linguagens verbais e não verbais, nos mostra determinadas práticas associadas às construções das identidades, mas especificamente no que diz respeito às construções de gênero, conforme podemos analisar nas tirinhas abaixo.

Figura 03: “O manual...”



Fonte: <http://murieltotal.zip.net>

Nessa charge (figura 03), composta por duas personagens – Hugo/Muriel e Beth (ex-namorada de Hugo), o personagem Hugo ainda esta se “descobrendo” com relação a sua transexualidade. Podemos observar que Beth (que é estudante de psicologia) esta com um grande livro em mãos e começa a ler para Hugo/Muriel tentando definir o seu comportamento colocando-o como “neurótico”. Assim, podemos inferir que este livro possivelmente representa um manual médico denominado como: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, onde a transexualidade era designado como anormalidade.

Hugo/Muriel, totalmente trajado com o instituído socialmente como roupas femininas, toma os livros em suas mãos e o coloca sobre a cabeça para caminhar, fazendo uma alusão às aulas de postura e etiqueta que eram ensinadas a modelos e meninas da alta sociedade. Ou seja, podemos observar que Hugo/Muriel diante do ocorrido faz uso dos recursos civilizatórios para questionar e criticar os padrões que são instituídos. A sua atitude é de quebrar paradigmas e desestabilizar certas verdades crivadas em nossa sociedade, buscando apenas sua felicidade e se sentir bem.

Figura 04: “Tédio de sempre ...”



Fonte: <http://murieltotal.zip.net>

Na charge 04, Hugo/Muriel aparece maquiada e de camisola deitada sobre uma almofada, provavelmente em casa. Ao se deparar com um teste (muito usual em revistas de moda, beleza, comportamento e afins), a mesma se demonstra alegre e surpresa (por ser algo que gosta de fazer). Entretanto, diante das possibilidades dispostas para serem marcadas pela revista sobre a pergunta: “Você se define como:”, Hugo/Muriel com uma cara blasé joga a revista para trás e dispara a frase (com uma cara de entediada): “Ô, Tédio”... Com esta atitude, Hugo/Muriel questiona a necessidade que a sociedade impõe de se definir, de traçar um caminho e tê-lo como única rota. Limitando as experiências e as vivências dos seres humanos dentro de modelos, dentro de “caixinhas”.

Nesse sentido, podemos traçar diálogos com Stuart Hall (1999) quando o autor afirma que, os sujeitos podem assumir diferentes identidades no decorrer de sua vida, sendo essa marcada de acordo com o tempo, contexto histórico e cultural, dentre outras possibilidades. As identidades, nessa lógica, podem ser remexidas e reordenadas em várias possibilidades. Semelhantemente o que apregoa Mauss (1974) e Le Breton (2009) sobre suas percepções sobre o corpo, a identidade também não é inata, mas construída socialmente.

Figura 05: “Nestes trajes!?”



Fonte: <http://murieltotal.zip.net>

Na figura 05, Hugo/Muriel se encontrando entrando em um restaurante, quando ainda na porta é barrada por um sujeito que lhe indaga se aqueles eram trajes para aquele local (a personagem veste uma minissaia, uma blusa que deixa sua barriga a mostra e uma bolsa de lado), tendo em vista que Hugo (na condição e visão da sociedade é um homem e se encontra vestido socialmente com trajes tidos como femininos). Diante da fala, Hugo/Muriel se observa dos pés a cabeça e desaparece da cena. Ao retornar ao estabelecimento, agora vestido com um longo vestido roxo,

cabelos com penteado e uma carteira de mão – “mais requintada” – Hugo/Muriel passa pelo mesmo segurança que lhe olha de forma espantada. Contudo, na construção dessa cena o que está em jogo não são as vestimentas em si da personagem, mas sim, o fato de ser um “homem” (na visão do segurança e da sociedade) se vestindo como uma “mulher”. Fato esse que, ocorre cotidianamente em sociedade, e demonstra o preconceito incutido nos sujeitos que por vezes tenta privar certos corpos, em especial os corpos trans, de diversos espaços públicos e privados, estigmatizando-os e colocando-os à margem da sociedade Ao utilizar o humor, a cartunista faz uma forte crítica sobre as diversas situações desagradáveis e constrangedoras vividas e vivências por esses sujeitos em sociedade.

Figura 06: “Você não é uma ...”



Fonte: <http://murieltotal.zip.net>

Na charge acima, Hugo/Muriel é questionada por uma mulher cisgênera⁷ que lhe diz que ela nunca será uma “mulher de verdade”. A fim de questionar e problematizar a situação ocorrida, Hugo/Muriel faz alguns movimentos com as mãos, trançando uns dedos sobre outros e pedindo para que mulher repita os mesmo gestos. Quando a mulher não consegue fazer os gestos, Hugo/Muriel diz que ela não deve se preocupar, pois ela não era uma Muriel.

Com essa atitude, Hugo/Muriel ironiza o comportamento de algumas mulheres, e da sociedade, que satirizam e não compreendem as identidades de gênero das pessoas Trans se utilizando, em sua maioria, de discursos biológicos (pautadas na questão das genitálias e por vezes cromossômicas) para reafirmarem o que é aceito enquanto “verdadeiras” mulheres ou homens em sociedade. Ou seja, esse argumento utilizado

⁷ Termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascimento".

pauta-se restritamente na compreensão de que o gênero é algo biológico e não construído socialmente e culturalmente.

CONSIDERAÇÕES GERMINAIS

Podemos observar que as construções propostas nas tirinhas de Laerte Coutinho são críticas e desestabilizadora das construções sociais sobre os gêneros imposta e crivadas em nossa cultura. As tirinhas apresentam extrema, e importante, reflexão sobre as questões normativas sobre as discussões relacionadas às temáticas de gênero e sexualidade, e se configuram, por finalidade, como mecanismo de suma importância para ampliação deste conhecimento através de uma ludicidade (uma vez que as tirinhas são coloridas, possuem desenhos, são didáticas – sem serem ofensivas e pejorativas).

No que diz respeito sobre a relação autora-obra, devemos ressaltar que se torna evidente, e quase inquestionável, a ligação entre as tramas dos enredos narrados e a vida pessoal da autora, enfatizando críticas e trazendo problematizações sobre a sociedade na qual a mesma está inserida.

Figura 07: “Fomos descobertas...”



Fonte: <http://murieltotal.zip.net>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. *Análise do Conteúdo*, Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, S. de. *O Segundo Sexo*, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEEMYN, B.; ELIASON, M. **Queer Studies: A Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Anthology**. Nova York: New York University, 1996.

BENEDETTI, M. **Toda feita: corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005

BENTO, B. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. In: **Bagoas**, Natal, v. 3, n. 4, p. 95-112, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2298/1731>. Acesso em: 13 out. 2018.

BUTLER, J. Undiagnosing gender. In: _____. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004. p. 74-101.

_____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 9o.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALVINO, I. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAVALCANTE, L. M.. “**Quero deixar de ser um menino dependente para ser uma mulher autônoma**”: os casos transgêneros nas tirinhas de Laerte Coutinho. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal de Campina Grande - Centro de Humanidades: Programa de Pós-graduação em História, 2014.

COUTINHO, L. Laerte: 'Tenho vergonha de quase tudo que desenhei'. **Bravo!**: set. 2010a. Entrevista concedida a Armando Antenore.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 7ª reimpressão 2008.

FRANCO, N. **A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero**. 2009. 239f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

_____. **Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidade no contexto escolar**. 2014. 266f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LIMA, R. de L. de. Diversidade, identidade de gênero e religião: algumas reflexões. In: **Em Pauta**. 2011, n. 28, pp. 165-182. ISSN 1414-8609. Disponível em: <http://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/2940. Acessado em 17/09/2017

LOURO, G. L. Viajantes pós-modernos. In: **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. In: **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>. Acessado em 30 de set. 2018.

MOLINIER, P. e WELZER-LANG, D. **Feminilidade, masculinidade, virilidade**. Dicionário Crítico do Feminismo. 2009, pp. 101-106. ISBN 978-85-7139-987-7.

OLIVEIRA, A. A. P. de. **Análise documental do processo de capacitação dos multiplicadores do projeto “Nossas crianças: Janelas de oportunidades”** no município de São Paulo à luz da Promoção da Saúde. 2007. 210 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Coletiva) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PRECIOSA, R. **Rumores Discretos da Subjetividade**. Sujeito e Escrita em Processo. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

RODOVALHO, A. Não fossem seus pêlos vários. In: **Periódicus**, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out.2016. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>. Acessado em 09/04/2019.

ROLNIK, S. **Uma insólita viagem à subjetividade fronteiras com a ética e a cultura**. S/D. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagensubjetic.pdf>.

SÉGUIN, E. **Minorias e grupos vulneráveis: uma abordagem jurídica**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.